

CCT  
INDÚSTRIAS  
QUÍMICAS

**SITese / FETese**

## PROCESSO PASSA À CONCILIAÇÃO

As negociações directas para a revisão salarial do **Contrato Colectivo de Trabalho** para o sector das **Indústrias Químicas** terminaram sem que tivesse sido possível, mais uma vez, conseguir chegar a acordo com as Associações Patronais.

Depois de um ano (2010) em que recusaram negociar, nunca tendo apresentado qualquer proposta de aumento salarial e recusando também as propostas dos conciliadores e mediadores do Ministério do Trabalho, as Associações Patronais voltaram no corrente ano de 2011 a propor que os salários fiquem inalterados. Ao fim de muita insistência nossa, acabaram por apresentar uma proposta de aumento de 0,25%, e mesmo assim condicionada à nossa aceitação da redução do pagamento do trabalho suplementar para os valores mínimos legais e à instituição de um **Banco de Horas** que só servia os interesses patronais.

Este é mais um sector onde o patronato tomou "o freio nos dentes" e, perante as dificuldades (que existem mas não são tão grandes como nos querem fazer crer) resolvem projectar sobre os trabalhadores boa parte da redução de custos para evitar diminuir os seus lucros.

É impressionante a desfaçatez de alguns patrões da indústria e do comércio que, apesar dos lucros mais ou menos chorudos das suas empresas, vêm para as televisões reclamar austeridade, rigor nas contas públicas ou vociferar contra os governantes e políticos em geral, mas de uma forma directa ou encapotada dentro das associações patronais tudo fazem para que os seus trabalhadores não tenham aumentos salariais.

Agora tiram-nos o pão e, dentro em breve, estes mesmos senhores hão-de procurar retirar-nos a liberdade. O que se está a passar na Europa e particularmente em Portugal é muito mais grave do que aquilo que à primeira vista pode parecer. Está em curso um processo de retirada sistemática dos direitos sociais adquiridos ao longo das últimas décadas, a pretexto da necessidade de concorrência com outros países de outros continentes onde eles não existem. As convulsões sociais que esta visão neoliberal do mundo (onde impera o mercado e só o mercado) pode vir a provocar são ainda imprevisíveis, mas são igualmente inevitáveis.

Se não as travarmos agora, mais tarde será muito mais difícil.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 2011

A DIRECÇÃO